

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Antony, Michel

Os microcosmos. Experiências utópicas libertárias sobretudo pedagógicas: "utopedagogias" / Michel Antony ; tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo : Expressão e Arte Editora : Editora Imaginário, 2011.

Título original: Les microcosmes. Essais utopiques libertaires surtout pédagogiques: des "utopédagogies"

Bibliografia

ISBN 978-85-7935-010-8

1. Libertarianismo 2. Antony, Michel - Crítica e interpretação
3. Socialismo 4. Utopias I. Título.

10-11732

CDD-306.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Utopias libertárias: Sociologia 306.07

Projeto editorial Plínio Augusto Coêlho

Ilustração da capa Errico Baj, *Fifteen Billion by the Year 2050*

Expressão e Arte Editora

Rua Waldemar Martins, 926 - Casa Verde
Tel. 11-3951-5240 / 3966-3488 Fax 11-3951-5188
02535-001 São Paulo - SP
www.expressaoearteeditora.com.br
expressaoearte@terra.com.br

Editora Imaginário

Rua Espártaco, 456 - Vila Romana
Tel. 11-3864-3242
05045-000 São Paulo - SP
www.editoraimaginario.com.br
ed.imaginario@uol.com.br

Impresso no Brasil
2011

OS MICROCOSMOS

EXPERIÊNCIAS UTÓPICAS LIBERTÁRIAS
SOBRETUDO PEDAGÓGICAS:
"UTOPEDEGOGIAS"

Michel Antony

Tradução

Plínio Augusto Coêlho

Editora Imaginário

 EXPRESSÃO & ARTE
EDITORA

rece evidente: a autogestão aqui não parece eliminar os mestres para fazer e pensar.

i) A pedagogia da resistência: Raffaele Mantegazza

Na Itália, Raffaele MANTEGAZZA, filósofo da pedagogia, responsável pelo dossiê da pedagogia “intercultural” da Universidade de Milão, dirige um grupo de trabalho relativo à dominação no meio pedagógico e ao esmagamento da potencialidade libertária dos escolarizados. Proclama a influência da Escola de Frankfurt e Foucault. Seu livro *Pedagogia della resistenza*, publicado em 2003²⁶⁷, é um conjunto de análises e proposições para desmascarar a questão do poder nos meios educativos e melhor contrapor-se a essa dominação alienante. Um site na internet permite multiplicar as intervenções neste sentido: <http://www.pedagogiadellaresistenza.org>.

Para ele, toda educação “é uma forma de poder”, um “poder de sujeição”, e ele denuncia o fraco trabalho de todos os membros da instituição escolar para levar esse valor em consideração e melhor denunciá-lo e combatê-lo.²⁶⁸

23. TENTATIVA DE DEFINIÇÃO “TEÓRICA” DA UTOPIA EDUCATIVA LIBERTÁRIA

1. A escola ou a educação nacional, estatista, regional, inclusive laica e liberal, é amiúde denunciada pelos anarquistas

²⁶⁷ MANTEGAZZA Raffaele. *Pedagogia della resistenza*, Città aperta ed., 2003.

²⁶⁸ TRASATTI Filippo. *Intervista a Raffaele MANTEGAZZA. Pedagogia della resistenza*, in *A rivista anarchica*, Milão, a. 34, n° 298, abril de 2004, pp. 28-29.

como uma escola do conformismo, do convencional e, portanto, de uma certa maneira, como causa importante de arregimentação e uniformidade, de “condicionamento”.²⁶⁹ No pior dos casos ela rompe todas as veleidades dos indivíduos para serem autônomos e gerirem seu próprio percurso educativo e cognitivo. A escola libertária é, pois, resolutamente o oposto desse quadro geral, embora libertários queiram lutar no seio da escola pública e não se isolar em ilhotas pedagógicas minoritárias. Era a posição de Godwin contra o preceptorado rousseauiano desde o final do século XVIII.

2. A escola deveria ser, portanto, independente da autoridade, do Estado, das instituições (daí o termo de “pedagogia institucional” que as denuncia todas). Assim, a escola de Ferrer é paga, em Barcelona, a fim de preservar sua autonomia em relação às instituições. Entretanto, a *mouvance* sindicalista libertária (notadamente a C.G.T. francesa de antes de 1914, a C.N.T. ibérica ou a U.S.I. italiana) militava com frequência a favor das escolas sindicalistas (ou assumidas por sindicalistas), como meio para preservar os alunos e permitir a educação libertária pelos próprios libertários. Este caso pode aparecer como um risco de derrapagem institucional pois o sindicato, aos olhos dos anarquistas, é uma entidade que tem seus próprios funcionamentos e suas próprias insuficiências.

3. A escola libertária é assunto de todos, e não pode em nenhum caso ser deixada unicamente a especialistas, educadores, pedagogos e ainda menos aos administradores, ainda que sejam libertários. Acabamos de observar, contudo, que não é totalmente partilhado por alguns anarco-sindicalistas ou sindicalistas revolucionários.

²⁶⁹ PARTISANS. *Pédagogie: éducation ou mise en condition?* Paris, Maspéro, 167 p., 1976.

4. Ela deve ser, portanto, capaz de autogerir-se (econômica e pedagogicamente) com todos os seus membros (pessoal administrativo, operários, professores, alunos). Algumas escolas buscam inclusive a auto-suficiência alimentar ou, para algumas, produções artesanais. A fórmula de “co-educação” (Ferrer) ou de ensino mútuo ou solidário é amiúde utilizada. Na linhagem kropotkiniana, o primeiro número de *L'École rénovée* (fundado por Ferrer e outros, em 1908) resume os quatro pontos essenciais da pedagogia libertária: o 4º posiciona-se a favor de “uma educação prática fundada sobre ‘a grande lei natural’ da ‘solidariedade’”; Kropotkin teria escrito “apoio mútuo”.

5. A educação é quase sempre integral, global, completa, quer dizer:

- que ela é tanto intelectual quanto manual;
- que ela é tanto esportiva, física etc. quanto livresca;
- científica, literária, artística, técnica etc.;
- a escola libertária dispõe de suas próprias oficinas, jardins, centros de criação de animais, cozinhas etc. onde cada um participa. Desde Fourier, as virtudes da “gastrosofia” entram com os dois pés na prática formativa.

Em todos os projetos e experimentações libertárias, a importância do trabalho, da formação manual e técnica, o aporte dos trabalhadores etc. são essenciais.

Carlos Díaz avança a fórmula assaz complicada de “meta-noese” integral,²⁷⁰ isto é, a faculdade de pensar o global, sem compartimentá-lo nem reduzi-lo. A pedagogia libertária permite, pois, simultaneamente, uma transformação moral e cultural individual e coletiva, e uma transformação socioeconô-

²⁷⁰ DÍAZ Carlos. *El anarquismo como fenomeno político-moral*, Madrid, 1978.

mica, pois ela torna-se o motor da mudança social e individual. Em Clivio, na Itália, essa visão integral definia-se como “uma educação tomada em seu triplo aspecto: físico, intelectual e moral, desejando desenvolver integralmente o corpo, a inteligência e a consciência: em resumo, desenvolver o ser humano completo”.²⁷¹ Essa reivindicação da “educação integral” é situada em primeiro plano por Michael Smith quando ele define a educação libertária;²⁷² e ele reconhece com justeza que é uma das reivindicações que encontramos facilmente em outras correntes socialistas, owenista ou marxista, por exemplo.

6. Ela também é “politécnica” (o termo já é utilizado por Proudhon) para evitar todo encerramento, recusando a especialização, a esclerose, a cristalização...

7. Ela é, no mesmo espírito, permanente, para todas as épocas da vida, para todos os tipos de atividades (lazer, trabalho). Nada deve ser jamais definitivo e estacionário, pois a perfeição não pode existir. Ela é, portanto, antiutópica no sentido clássico do termo.

8. Ela deve ser evidentemente mista (a famosa co-educação), meninas e meninos, o que não era nada desprezível no século XIX. A *Encyclopédie anarchiste* dispõe de um artigo específico de E. Delaunay sobre esse termo hoje bem esquecido.

9. Ela com frequência ressalta a higiene, a cultura física e o desenvolvimento do corpo, a educação sexual, o eugenismo no sentido da idéia de “bom nascimento” permitido pelo neomalthusianismo, idéia lançada por Paul Robin, e retomada por tantos libertários como Sébastien Faure, Francisco Ferrer, Jean

²⁷¹ LANDOLFI Marina. *L'utopia libertaria della scuola moderna. Da FERRER alla scuola di Clivio*, in RSDA, a. 7, nº 2-14, Pisa, BFS, lug.dic. 2000, p. 87.

²⁷² SMITH Michael P. *Educare per la libertà. Il metodo anarchico*, Milano, Eleuthera, 192 p., 1990, p. 20.

Wintch, Charles-Ange Laisant etc. As fórmulas eugênicas são às vezes ingênuas como aquela da escola de Clivio, que, em seu programa, no artigo primeiro, quer promover “Uma vida aberta, um regime regular, a higiene, os passeios, os esportes a fim de formar seres sadios, vigorosos e belos”.

10. Ela respeita o aluno e busca fornecer-lhe um meio para que ele possa desabrochar:

— escutá-lo, partir de seus centros de interesse, considerá-lo como um par, um autêntico parceiro, um “co-protagonista” para utilizar a fórmula de Marina Landolfi. Toda a pedagogia libertária busca individualizar cada vez mais o ensino, como já lembrava a *Encyclopédie anarchiste* de 1926-1934;

— considerá-lo como um futuro homem novo, uma pessoa inteira, capaz de ser autônomo muito cedo. Para este último ponto, ela liga-se à corrente rousseauniana concernente à bondade natural do homem e dá prova de um belo otimismo (ou cegueira) em relação às capacidades da criança, da qual respeita a “individualidade”. Seu “objetivo maior” é a “promoção do indivíduo”.²⁷³ Para todo projeto libertário, educativo ou não, o indivíduo prima, a sociedade devendo garantir-lhe uma vida melhor;

— fazê-lo agir exclusivamente para seu desenvolvimento harmonioso e seu interesse pessoal. O aluno deve ser ativo, crítico, mestre e criador tanto quanto possível de seu próprio progresso. Sua autonomia depende disso.

A escola libertária visa, pois, “à felicidade do educando” como o indica, em 13 de fevereiro de 1898, o Projeto de Escola Libertária da *Protesta Humana*, de Buenos Aires. No texto sobre o comunismo libertário adotado no Congresso da C.N.T. de

²⁷³ PARTISANS. *Pédagogie: éducation ou mise en condition?* Paris, Maspéro, 1976, p. 35.

Saragoça, em maio de 1936, pode-se ler: “estimamos que a função primordial da pedagogia é ajudar na formação de homens providos de um juízo crítico — e estejam certos de que ao falar de homens entendemos gênero humano — e para isso será necessário que o mestre cultive todas as faculdades da criança a fim de permitir esse desenvolvimento completo de todas as suas potencialidades”.

11. A escola libertária quer ser uma escola da liberdade para a liberdade, da “não-diretividade”, do pluralismo reivindicado, pois é o único meio de criar homens livres; é uma escola oposta a toda coerção:

— recusa da autoridade: o mestre (professor ou preceptor) é um apoio, um “camarada” (para os libertários alemães), um conselheiro, um “iniciador” (Lacaze-Duthiers, na *Encyclopédie anarchiste*), um par (que deve aprender com os alunos tanto quanto lhes ensinar; seus conhecimentos, sua cultura, suas proposições são reconhecidas, mas não devem em nenhum caso esmagar o espírito de iniciativa ou tornar dócil o aprendiz; a autoridade só pode ser admitida temporária, conjuntaral e livremente pelo aluno;

— recusa da homogeneidade, pois esta “deve ser por nós combatida a todo momento, é a heterogeneidade que é nossa razão de ser”²⁷⁴, afirmam os libertários ibéricos de 1936 ao falar de educação: o indivíduo é diverso, dispõe de sua própria personalidade, de seu próprio ritmo, de seu próprio pensamento. Essa reivindicação é profundamente humanista, hostil a toda unificação esclerosante e restritiva;

— recusa das sanções, da emulação e das recompensas: é preciso de início apostar na cooperação, na solidariedade, diria Kropotkin;

²⁷⁴ CODELLO Francesco. *La buona educazione*, 2005, p. 592.

— aprendizagem da autonomia, da autogestão, nos ritmos de trabalho, na escolha das matérias, na vida cotidiana, na gestão econômica da escola, dos lazeres...;

— aprender a “desobedecer” e recusar todos os preconceitos e obstáculos diversos à autonomia, como o observa C. Alexandre no artigo “Obedecer” da *Encyclopédie anarchiste*;

— utilização de todos os métodos ativos, modernos para ajudar o aprendiz a responsabilizar-se por si mesmo, e desenvolver os aspectos lúdicos, pois a brincadeira é tanto uma distração necessária como um método de formação e de trabalho atrativo (conferir o artigo “Jeu/éducation” da *Encyclopédie anarchiste*). Pode-se sem dúvida evocar um neofourierismo educativo em todas as pedagogias libertárias;

— aceitação de todas as ações, inclusive as mais surpreendentes ou depreciadas, e mesmo as mais desprezadas (*spregevole*) como o observa o pedagogo libertário italiano Giuseppe Pontremoli,²⁷⁵ pois a tentativa, a experimentação livre e o erro são meios de formação e permitem avançar.

Isso exclui todo método único ou cristalizado, todo dogmatismo pedagógico, tanto nas práticas como nas teorias. O pragmatismo e o princípio de precaução são essenciais.

12. Portanto, ela é hostil a todo dogma, inclusive anarquista, ou racionalista (isto é, na linhagem de Ferrer). Em 1936, na revista *Mujeres Libres*, as mulheres libertárias lembravam “que não há doutrina racionalista, por mais excelente ou infalível que ela seja, que possa ser imposta como razão suprema a todas as mentalidades infantis. Na criança, há muito mais do que isso...”.²⁷⁶ E o mesmo grupo lembra que “as crianças

²⁷⁵ PONTREMOLI Giuseppe. *Elogio delle azione spregevoli*, L'ancora del Mediterraneo, 2004.

²⁷⁶ *Mujeres Libres. Luchadoras libertarias*, Madrid, FELAL, 1999.

não podem ser, nem devem ser católicas, socialistas, comunistas, libertárias. As crianças devem ser apenas o que são, crianças”. Sébastien Faure lembrava em fins de 1909 que “nossa ação não tem por objeto separar nossos contemporâneos dos curas e das igrejas; ela tem por objetivo e propõe-se por resultado afastá-los de todos os deuses, de todas as religiões, e, uma vez mais, matar neles os dogmas cívicos tanto quanto os outros”.²⁷⁷ E Neill retoma a mesma posição, opondo-se à autogestão, a toda imposição moral, mesmo a sua ou mesmo para os melhores ideais possíveis: “ensinar o pacifismo é quase tão perigoso quanto ensinar o militarismo... Por trás de todo ensino desse tipo esconde-se o desejo de modelar o caráter da criança”.²⁷⁸ Ele retoma aí a principal censura que os pedagogos anarquistas formulavam em relação a Ferrer. Na Itália, o pediatra antiautoritário Marcello Bernardi (1922-2001) declara-se “libertário intolerante”, isto é, em oposição a todo dogma ou pensamento acabado, ainda que anarquista.²⁷⁹

13. Ela deve ser aberta para a vida, a sociedade, a realidade exterior, o meio...

— viagens, descobertas, camping, excursões, visitas...;

— conferencistas, trabalhadores convidados, exposições...;

— comentários da imprensa, mídia, eventos...;

— trabalhos concretos, se possível no âmbito econômico normal...

²⁷⁷ FAURE Sébastien. “Discours sur ‘la laïque’”, in *La Guerre sociale*, 05/01/1910.

²⁷⁸ SKIDELSKY Robert. *Le mouvement des écoles nouvelles anglaises*, Paris, Maspéro, 1972, p. 151.

²⁷⁹ DENTI Roberto. *Conversazioni con Marcello BERNARDI. Il libertario intollerante*, Milano, Elèuthera, 150 p., 1991.

Em resumo, a educação libertária desenvolve-se em toda a parte, no tempo e no espaço, sem separação. A escola em seus muros não é um local único e fechado.

14. É, também, uma escola engajada, a serviço dos ideais anarquistas e das utopias libertárias (antiautoritarismo, pacifismo, internacionalismo, ateísmo etc.) e a serviço do movimento emancipador da qual ela é uma engrenagem, simultaneamente causa e conseqüência. “O segundo eixo da educação libertária (depois daquele em favor da educação integral) é que ela deve ser politicamente emancipadora”.²⁸⁰ Já no *Noticiero Obrero* de Sevilha, em 07/08/1901, é afirmado que “a educação é o caminho mais curto de onde pode vir a regeneração do operário”.²⁸¹ Mas como “a escola libertária não impõe qualquer ideologia”,²⁸² ela se choca, às vezes, contra anarquistas demasiado dogmáticos ou sectários. Foi sem dúvida Luigi Fabbri quem melhor desenvolveu o duplo papel da educação libertária, e quem mais se interessou pelo lugar que ela devia ocupar no progresso social. Para resumir rapidamente, a educação libertária prepara os indivíduos para serem independentes, ativos, moralmente mais fortes, portanto, mais bem preparados para emancipar-se e emancipar toda a sociedade, e evitar que a revolução degenerere por falta de preparação ou de ideal sólido. A escola libertária, em sentido amplo, tem, portanto, seu lugar antes, durante e depois do fenômeno emancipador; ainda que libertários tivessem, às vezes, privilegiado a educação em relação à revolu-

²⁸⁰ SMITH Michael P. *Educare per la libertà. Il metodo anarchico*, Milano, Eleuthera, 192 p., 1990, p. 21.

²⁸¹ GONZÁLEZ FERNÁNDEZ Ángeles *Utopía y realidad. Anarquismo, anarcosindicalismo y organizaciones obreras, Sevilla 1900-1923*, Sevilla, Diputación, 481 p., 1996, p. 89.

²⁸² CNT Sevilla. *Anarquismo básico*, Madrid, FELAL, 94 p., 1998.

ção, e outros ocultado-na totalmente até que a insurreição fosse vitoriosa, a visão de Fabbri é mais global e satisfaz os dois campos. A formação libertária é evidentemente necessária todo o tempo, em todos os momentos.

15. Enfim, para qualificar globalmente a educação libertária, pode-se retomar o “novo conceito educativo” proudhoniano de “demopédia”, como a nomeia Carlos Díaz, que também fala de “cultura práxis”. Isso equivale à idéia de “revolução (educativa) permanente” da qual falava Kropotkin.

16. Em resumo, a escola libertária é um dos eixos fortes da utopia libertária, visto que ela visa tanto à preservação da espécie humana quanto sua regeneração (“preservación o regeneración de la especie humana”, escreve *La Protesta Humana*). A implantação no presente é rica de possibilidades para o futuro. Hostil às utopias clássicas cristalizadas e normativas, a “utopedagogia” libertária é, ao contrário, uma enorme porta aberta para o futuro, visto que aposta na total liberdade dos aprendizes e em suas capacidades criadoras e imaginativas.²⁸³ *A Encyclopédie anarchiste* não dizia outra coisa: “a educação tem por objetivo educar a criança para que ela possa realizar o destino que julgar melhor, de tal sorte que, em toda ocasião, ela possa julgar livremente a respeito da conduta a escolher e ter uma vontade assaz forte para confrontar sua ação com esse julgamento”.²⁸⁴ Para redizê-lo ainda com Francesco Codello, que cita Berneri na introdução a uma coletânea de artigos, “o educador (consumado, ou libertário evidente-

²⁸³ TRASATTI Filippo. “Le utopedagogie”, in *Volontà*, Milano, *L'utopia comunitaria*, 1989, p. 140.

²⁸⁴ Citado por LENOIR Hugues. “Propos sur l'éducation libertaire”, in *Le Monde Libertaire*, nº 15, HS, julho-setembro de 2000.

mente) é por definição um utopista que ‘acende as estrelas no céu, mas que navega em um mar sem porto’²⁸⁵ e, portanto, que deixa aberta a livre formação de cada um. Giorgio Sacchetti atribui essa citação a Barbieri, o amigo de Berneri com quem ele partilha a mesma morte sórdida em Barcelona, em maio de 1937, sob uma fórmula um pouco diferente: “A utopia acende uma estrela no céu da dignidade humana, mas nos obriga a navegar em um mar sem porto”.²⁸⁶

Conclusão parcial...

O campo educativo é um daqueles que a utopia libertária e anarquista mais visitou e utilizou. A amplitude deste dossiê prova-o com facilidade.

É normal: para fazer uma sociedade melhor é preciso preparar os homens que vão fundá-la. Para torná-la eficaz, modificá-la uma vez que ela tiver sido lançada, é preciso que a utopia ou o projeto integre uma formação permanente, aberta, completa.

De todos os pedagogos, os libertários buscam ser os mais conseqüentes, pois é necessário adaptar os meios ao fim. Se visamos a uma sociedade livre, libertária, devemos utilizar meios libertários. Se queremos homens autônomos, autogerindo-se, auto-educando-se, assumindo sua responsabilidade, é preciso que a educação seja ela mesma a mais autônoma e a mais autogerida possível.

²⁸⁵ CODELLO Francisco. *Vaso, creta o fiore? Né riempire, né plasmare ma educare*, Lugano, La Baronata, 256 p., 2005.

²⁸⁶ SACCHETTI Giorgio. *Senza frontiere: pensiero e azione dell'anarchico Umberto MARZOCCHI 1900-1986*, Milano, Zero in condotta, 556 p., 2005, p. 59.

A utopia pedagógica libertária é interessante sobre um outro plano: ela está próxima do aluno, do aprendiz, portanto, está próxima do humano, da vida, da mudança... Ela é forçosamente pragmática, evolutiva, modesta por honestidade e por escolha. A utopia libertária é uma utopia anti-sistema, um antiabsoluto. É sua grande força e sua grande originalidade.

Enfim, podemos observar que a potência dos princípios e das experimentações libertários, e a coerência entre meios e fim impregnaram uma multidão de pensadores pedagogos, sociólogos, psicólogos etc. No setor da educação, da formação, o anarquismo cultural influenciou enormemente sua época.

A impregnação cultural permanece sempre evidente, ainda que hoje assistamos a um questionamento dos pedagogos (conferir o horrível termo *poujadista** de “pedagogo”, malgrado as derivas de alguns) e a um retorno com força da autoridade contra uma sociedade julgada demasiado “laxista”.

* Partidário do movimento e partido político popular de direita, ao final da IV República, apoiado sobretudo pelos pequenos comerciantes e fundamentado em reivindicações corporativistas e na recusa de uma evolução socioeconômica. O termo deriva de Pierre Poujade, fundador da Union de Défense des Commerçants et Artisans de France. (N.T.)